

O Negro no futebol gaúcho: Uma análise comparativa entre Pelotas e Porto Alegre

The Black Man in Gaucho Football: A comparative analysis between Pelotas and Porto Alegre

Gabriel Gonçalves Ribeiro,¹ UFPel

Resumo

Este estudo tem como objetivo a análise de clubes esportivos do futebol gaúcho no período do pós-abolição até o início da década de 1930, quando a modalidade foi profissionalizada no Brasil. A pesquisa discorre acerca das similaridades e peculiaridades da Liga José do Patrocínio, de Pelotas, e da Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense, também conhecida como Liga da Canela Preta, de Porto Alegre, ambas compostas por clubes de negros e de operários durante as três primeiras décadas do século XX. O trabalho faz uso de pesquisa bibliográfica em obras que abarcam o futebol nacional, principalmente as que remetem à gênese desse esporte no Rio Grande do Sul. Ademais, o estudo traz em suas considerações a importância do futebol nas cidades analisadas enquanto cenário de resistência ao preconceito racial e de distinção social promovida pelas elites locais no início da prática desse esporte.

Palavras-chave: Futebol; Pelotas; Porto Alegre; Pós-abolição.

Abstract

This study aims to analyze sports clubs in the Rio Grande do Sul state football scene from the post-abolition period until the beginning of the 1930s, when the sport became professionalized in Brazil. The research discusses the similarities and peculiarities of the Liga José do Patrocínio, from Pelotas, and the Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense, also known as Liga da Canela Preta, from Porto Alegre, both composed of clubs of Black people and workers during the first three decades of the 20th century. The work uses bibliographic research in works that cover national football, mainly those that refer to the genesis of this sport in Rio Grande do Sul. Furthermore, the study considers the importance of football in the cities analyzed as a scenario of resistance to racial prejudice and social distinction promoted by local elites at the beginning of the practice of this sport.

Keywords: Football; Pelotas; Porto Alegre; Post-abolition.

Introdução

O futebol brasileiro é pentacampeão do mundo. Essa afirmação, de domínio público, coloca o Brasil como o país com o maior número de títulos mundiais. Campeão das copas de 1958 na Suécia, 1962 no Chile, 1970 no México, 1994 nos Estados Unidos e 2002 no Japão e Coreia do Sul, a seleção brasileira atrai e desperta o interesse de milhões de pessoas,

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Política Social e Direitos Humanos. Licenciado em História e graduado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9761280162416322> Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2114-6329> E-mail: gabrielribeirojornal@gmail.com

brasileiros e estrangeiros. Acredita-se que a seleção brasileira de futebol produziu e entregou ao mundo um dos melhores jogadores de todos os tempos, senão o melhor. Trata-se de Édson Arantes do Nascimento, o Pelé, campeão das copas de 1958, 1962 e 1970. Ademais, mais recentemente, do território brasileiro também saíram inúmeros grandes jogadores, como Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo Nazário, Romário, Vini Jr., Rivaldo e Neymar. Todos esses, grandes jogadores, segundo critérios técnicos do futebol internacional. Todos esses, grandes jogadores negros.

Obviamente, jogadores brancos também fizeram sucesso com a camisa da seleção brasileira, como Zico e Falcão, por exemplo, porém os nomes citados anteriormente demonstram a força e importância dos jogadores negros no futebol brasileiro. Se não fosse por eles, o Brasil não seria pentacampeão mundial e a potência que é no cenário futebolístico. Porém, até que os negros alcançassem certo protagonismo muitas transformações ocorreram. Os avanços para isso foram lentos – como continuam sendo - e atingiram com o passar do tempo não só o futebol, mas a sociedade brasileira como um todo.

Para melhor compreensão de tais mudanças é preciso partir do ponto zero, do berço inglês. O futebol, em meados do século XIX, foi utilizado pelas universidades da Inglaterra como instrumento de formação para os filhos da elite (Matias, 2020). Assim, era possível identificar e construir novas lideranças por meio da imposição e respeito às regras, do máximo desempenho durante a prática da modalidade e da construção de um trabalho em equipe. Essa regulamentação possibilitou aos membros da elite inglesa desfrutar dessa atividade como um passatempo, porém essa mesma elite também utilizava o futebol para controle de seus operários, já que com o aumento do tempo de não-trabalho, a prática da modalidade oportunizava que esses funcionários praticassem uma atividade não-violenta, a qual não prejudicava a presença deles no local de trabalho no dia seguinte.

Ribeiro (2025, p. 37) destaca que “a elite resistia à profissionalização, pois era mais digno à época se negar a disputar uma partida ou competição contra os operários ao entrar em campo e ser derrotada”. Nesse sentido, fica evidenciado que a gênese do futebol inglês na metade do século XIX em muito pouco se difere dos primeiros jogos com bola em território brasileiro. Afinal, ambas foram atividades de forma exclusiva das elites, que tomaram para si o domínio e, conseqüentemente, a ação de decidir quem poderia e quem não poderia praticar o esporte.

No Brasil, a trajetória do futebol tem seu começo na cidade de São Paulo, pois foi lá que esse esporte desembarcou. Charles William Miller foi um jovem brasileiro que estudou

em Southampton, na Inglaterra, no final do século XIX. Das terras inglesas, em 1894, trouxe duas bolas de futebol e um livro com as regras do jogo. Foi ele quem, em 14 de abril de 1895, organizou e fez o registro daquele que seria o primeiro jogo de futebol com regras, ou seja, o primeiro jogo de futebol do país (Ribeiro, 2025).

Após, em seus primeiros anos, o futebol no Brasil foi praticado pelas elites paulistas, classe predominantemente de pessoas brancas e que viam nesse esporte um lazer refinado. As partidas eram organizadas pelos clubes sociais da época e disputadas em locais fechados. Negros e mulatos foram fortemente excluídos dessas atividades. A exclusividade do futebol por parte das elites se espalhou por grande parte dos estados brasileiros. Porém, o esporte também começou a ser praticado cada vez mais por um número maior de pessoas oriundas das camadas populares da sociedade, principalmente da população negra urbanizada, no pós-abolição.

O jornalista e escritor Mário Filho², autor da obra “O negro no futebol brasileiro”, abre o capítulo intitulado Raízes do Saudosismo externando uma desconfiança que à época da publicação do livro, em 1947, apontava a forma costumeira e naturalizada acerca das recordações sobre os primeiros anos do futebol no Rio de Janeiro no período de pós-abolição:

Há quem ache que o futebol do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi uma coisa que me intrigou a princípio. Por que o saudosista era sempre branco? O saudosista sempre branco, nunca preto, dava para desconfiar. E depois, a época de ouro, escolhida pelo saudosista, era uma época que se podia chamar de branca. Os jogadores claros, bem brancos, havia até louros nos times, ia-se ver: inglês ou alemão. Poucos morenos. Os mulatos e os pretos, uma raridade, um aqui, outro ali, perdiam-se, nem chamavam atenção (Filho, 2010, p. 29).

Por mais que as elites do centro do país – eixo Rio-São Paulo – fizessem de tudo para afastar os negros e pobres da prática do futebol na primeira década do século XX, os jogadores das classes populares começaram a se infiltrar nas disputas dos jogos. A partir de 1910, ocorreu a fundação de inúmeros clubes de operários e de bairros, os quais deram espaço para que pessoas pertencentes às classes mais baixas praticassem o esporte. Esses clubes passaram a aparecer no cenário do futebol brasileiro de maneira cada vez mais numerosa, atravessando fronteiras e se instalando nas principais cidades do Brasil.

² O nome oficial do emblemático estádio do Maracanã é Estádio Jornalista Mário Filho. A homenagem se dá ao fato de Mário Filho ter sido, através da imprensa, crônica esportiva e de suas obras, um dos maiores incentivadores em popularizar o futebol no Rio de Janeiro e no Brasil.

Um dos estados em que o futebol se espalhou foi o Rio Grande do Sul. Nos primeiros anos do século XX é possível encontrar registros de jornais acerca de disputas de jogos em cidades gaúchas, principalmente nos municípios da metade sul e na capital do estado. Desse modo, as similaridades e peculiaridades do futebol em Pelotas e Porto Alegre compõem o objeto de estudo da análise comparativa realizada nesta pesquisa. Como corpus documental está uma revisão bibliográfica que perpassa obras acerca do futebol em âmbito nacional e local, nesse caso, de Pelotas e Porto Alegre. Ademais, foram realizadas consultas a acervos de periódicos impressos e radiofônicos.

Desse modo, o presente estudo tem como objetivo aprofundar uma análise diante dos principais momentos do futebol pelotense e porto-alegrense. Assim, busca evidenciar a importância dos clubes e atletas negros, logo nos anos incipientes do pós-abolição. Além disso, visa contextualizar as conquistas e os atos de resistência e luta contra o preconceito desde a chegada do futebol ao Rio Grande do Sul no início do século XX até os dias de hoje, quando o futebol se apresenta, ainda, como um esporte entranhado em racismo e preconceito.

A importância do Vovô nos primeiros passos do futebol gaúcho

Assim como o futebol inglês e brasileiro, mesmo com meio século de diferença, apresentam inúmeras semelhanças em suas gêneses – controlados por elites que afastaram o esporte das camadas populares – o futebol das cidades de Pelotas e Porto Alegre também muito se parecem. O primeiro ponto em comum é a participação do Sport Club Rio Grande nas primeiras partidas oficiais promovidas. Fundado no dia 19 de julho de 1900³, o clube do município de Rio Grande, foi o responsável pela primeira partida de futebol tanto na cidade de Pelotas, como na capital Porto Alegre.

O Rio Grande, por ser o clube brasileiro a mais tempo em atividade, recebe o apelido de Vovô do Futebol Brasileiro. No início do século XX teve papel significativo na difusão do futebol por diversas cidades do Rio Grande do Sul, principalmente nos municípios da metade sul do estado. Região essa que, entre os anos de 1919⁴ e 1939, teve grande protagonismo nos campeonatos estaduais. Nesse período de 20 anos, foram disputadas 18 edições de

³ A data de 19 de julho, dia da fundação do Sport Club Rio Grande, clube mais antigo do país, também é considerada como o Dia do Futebol Brasileiro.

⁴ 1919 foi o ano de disputa da primeira edição do Campeonato Gaúcho promovido pela Federação Gaúcha do Rio Grande do Sul (FGF).

Campeonato Gaúcho⁵, onde por dez ocasiões o título da principal competição do Rio Grande do Sul ficou com clubes da metade sul.

Desse modo, é possível constatar que, assim como no centro do país, até a inserção das camadas populares no futebol e da profissionalização da modalidade em 1933 (Matias, 2020), os clubes das elites da metade sul competiam de igual para igual com os da capital Porto Alegre, que já se apresentava de forma mais desenvolvida industrial e economicamente, assim como detentora de uma população bem mais numerosa do que as demais cidades gaúchas.

No entanto, antes disso, se faz necessário compreender o futebol de Pelotas e de Porto Alegre nessas três primeiras décadas do século XX. Como mencionado, o Sport Club Rio Grande apresentou o futebol nessas localidades. Primeiro, conforme Éder (2010), foi na elitizada Pelotas, mais precisamente no dia 6 de outubro de 1901 quando “aceitou o convite da União Gaúcha para abrilhantar a festa de seu segundo aniversário e posse de sua nova diretoria. Viajou com dois times, que disputaram em Pelotas o primeiro jogo de futebol da cidade” (Éder, 2010, p. 12).

À época, Pelotas despontava em plena ascensão econômica. O estado do Rio Grande do Sul abastecia o mercado nacional com produtos da base primária, como o charque, por exemplo. E foi através dessa mercadoria que a cidade evoluiu consideravelmente. Tanto que, em 1906, foi fundado em Pelotas o Banco Pelotense, o qual chegou a ser um dos três maiores do país em número de depósitos realizados. Assim, torna-se entendível que o deslocamento do Sport Club Rio Grande, mesmo localizado em uma cidade vizinha a 70 Km de distância, viesse através de um convite por parte da elite local, no caso, de um dos clubes sociais elitizados de Pelotas na ocasião.

Já em Porto Alegre, a bola rolou em um campo de futebol dois anos depois. Mais uma vez com uma visita do Sport Club Rio Grande. Porém, a distância até a capital era muito maior. Então, a viagem da delegação rio-grandina para Porto Alegre se deu através de um navio, o Aymoré. Santos (2018), destaca que em agosto de 1903 o jornal “A Federação” noticiava os preparativos para recepcionar as atletas do Sport Club Rio Grande em Porto Alegre. Assim como em Pelotas, a visita se deu por meio de um convite. Na capital, a ida do Rio Grande foi promovida por integrantes da elite porto-alegrense, majoritariamente descendentes de alemães e portugueses.

⁵ Nos anos de 1923 e 1924 o Campeonato Gaúcho não foi realizado por circunstâncias da Revolução de 1923, onde se enfrentaram adeptos do presidente do Rio Grande do Sul à época, Borges de Medeiros, denominados Ximangos, e os revolucionários aliados de Joaquim Francisco de Assis Brasil, conhecidos como Maragatos.

Além da participação da elite local, Santos (2018) aponta para a participação ativa do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) na promoção desse evento. Em 1884, o PRR criou um jornal para expandir seus princípios, o já citado “A Federação”. O objetivo político-eleitoral embutido na circulação desse jornal era o de difundir as ideias do partido em todo o Estado. Dessa maneira, o PRR enxergou no futebol uma nova maneira de atrair uma fatia maior da população para as suas bandeiras. O autor complementa:

Portanto, entendo que o início do futebol em Porto Alegre fazia parte do projeto político do PRR. A finalidade era aproximar as massas proletárias de sua plataforma política de integração ordeira à sociedade, tendo como meios a educação, a higienização pública e o esporte (Santos, 2018, p. 42).

Enfim, no dia 7 de setembro de 1903, foi realizado o primeiro jogo de futebol na cidade de Porto Alegre. Segundo o jornal “A Federação” de 08/09/1903, aproximadamente 1.500 pessoas acompanharam a partida. Pelo pequeno público presente, se comparado a toda publicidade investida, estima-se que a apresentação possa ter sido restrita às elites, diferentemente dos outros eventos envolvendo o Sport Club Rio Grande desde a chegada do navio Aymoré, que contaram com grande presença do público local, em especial das classes populares (Santos, 2018).

Assim, fica evidenciado que o futebol desde seus primeiros passos no Rio Grande do Sul apresentou de forma descortinada seu viés de mecanismo de distinção social em Pelotas e Porto Alegre. As apresentações do Sport Club Rio Grande foram essenciais para que o esporte se alastrasse nas cidades visitadas. O que já acontecia em São Paulo e no Rio de Janeiro estava ultrapassando fronteiras e atingindo novos territórios, onde se via a participação em peso das classes sociais menores, principalmente envolvendo negros e pobres. A construção do futebol para tantas pessoas passa por: a democratização do esporte através da inserção das camadas populares. E é o abordado no próximo capítulo, através da dicotomia e contradição existente acerca dos ditos clubes populares.

A contradição na dicotomia Clube do Povo x Clube da Elite

É muito comum que, nos mais diversos municípios brasileiros que possuem no mínimo dois clubes, existir a seguinte segmentação: time/clube do povo e time/clube da elite. Porém, em grande parte dessas cidades essa denominação aconteceu, principalmente, quando algum clube passou a permitir a inclusão de negros e pobres em seus quadros. No Rio Grande do Sul, mais precisamente no objeto desse estudo – o futebol em Pelotas e Porto Alegre, essa

dicotomia ainda é bastante acentuada, mesmo sendo algo que vai de encontro ao surgimento destes clubes que atualmente buscam utilizar a bandeira de instituição popular.

Em Pelotas, atualmente existem dois clubes disputando competições oficiais da Federação Gaúcha de Futebol (FGF): o Esporte Clube Pelotas e o Grêmio Esportivo Brasil. Já em Porto Alegre existem mais clubes que disputam as competições da FGF, porém pela tradição e relevância, os clubes da capital analisados são o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional. Antes de traçarmos a análise proposta entre a gênese desses clubes e a dicotomia entre clube do povo x clube da elite, é necessária uma breve apresentação dessas instituições.

Iniciando por Pelotas, a cidade, como descrito anteriormente, recebeu o Sport Club Rio Grande em 6 de outubro de 1901, naquele que é considerado o primeiro jogo de futebol realizado na cidade. Dois anos depois, em novembro de 1903, novamente a convite do clube União Gaúcha, esteve em Pelotas o Sport Club União, também da cidade de Rio Grande. A apresentação ocorreu em homenagem ao projetado monumento à memória de Domingos José de Almeida⁶, no antigo Prado Pelotense, onde a equipe visitante saiu vitoriosa pelo placar de 2 a 0 (Éder, 2010).

Em 1904, através de Octávio Mascarenhas, que trouxe de Montevideú uma bola de futebol, foi fundado o Athletico Foot-Ball Clube, considerado o primeiro clube de futebol da cidade de Pelotas (Alves, 1984). Logo em seguida, como apontam Mackedanz, Silva e Rigo (2021), no ano de 1906 mais seis clubes foram criados: Club Sportivo (1º/01/1906), Club Sportivo Internacional (10/01/1906), Foot Ball Club (27/05/1906), Sport Club União (1º/06/1906), Sport Club Esperança e Club Esportivo 7 de Setembro. Sendo esses dois últimos, sem registro de suas datas de fundação nos jornais disponíveis na Bibliotheca Pelotense.

Com tantos clubes surgindo, de imediato, em 1907, foi fundada a Liga Pelotense de Futebol (LPF). No ano seguinte, com a participação de três clubes (União, Foot Ball e Internacional) foi realizado o primeiro campeonato da LPF, o qual teve o Foot Ball clube como campeão. Nos anos seguintes, a LPF não organizou mais campeonatos, o principal motivo foi a fusão de dois dos três clubes que disputaram a primeira edição: o Internacional e o Foot Ball. “O plano dos dirigentes era fundar, na época, uma entidade esportiva que

⁶ Domingos José de Almeida foi um fazendeiro, político, jornalista e militar brasileiro. Em Pelotas, se dedicou a venda de charque ao centro do país e ao exterior. Foi considerado à época da Revolução Farroupilha (1835-1945) um dos mais prósperos industriais do Rio Grande do Sul. Em 20 de setembro de 1885 recebeu a primeira homenagem a um republicano no Brasil: o Obelisco de Pelotas.

acompanhasse o progresso da cidade. Em homenagem a ela, o novo clube decidiu usar as cores azul e amarela, além de levar seu nome” (Éder, 2010, p. 13). Assim, em 11 de outubro de 1908, em reunião realizada no Clube Caixerai, foi fundado o Sport Club Pelotas⁷.

Três anos depois, no dia 7 de setembro de 1911 foi fundado o Grêmio Sportivo Brasil⁸. A criação do novo clube se deu após uma divergência no Sport Club Cruzeiro do Sul, mantido e dirigido por funcionários da Cervejaria Haertel. Ao ser criado, o Grêmio Sportivo Brasil vestiu, por três meses, as cores verde e amarelo, alusivos à bandeira nacional. Porém, “por sugestão do fundador Manoel Ayres Filho, membros do Clube Diamantinos, e pelo fato das cores serem parecidas com a do Pelotas, foram mudadas para vermelho e preto” (Amaral; Osório, 2008, p. 19).

Acerca das fundações de Pelotas e Brasil, é importante destacar que as cores utilizadas e eternizadas nas camisas das duas agremiações são as mesmas de dois clubes sociais da elite pelotense do início do século XX: Clube Caixerai, que ostenta as cores azul e amarela, e o Clube Diamantinos, de bandeira vermelha e preta. Portanto, a questão clube do povo x clube da elite, aparece somente décadas depois, quando da inserção de negros e operários nesses clubes. O primeiro jogador negro a vestir a camisa do Esporte Clube Pelotas foi Borches, durante o período de 1924 até 1929 (Mendes, 2024).

Diferentemente do Esporte Clube Pelotas que tem seu estádio⁹ – denominado de estádio da Avenida e, posteriormente, de estádio Boca do Lobo - no mesmo local desde o ano de sua fundação, o Grêmio Esportivo Brasil teve distintos endereços. De 1913 a 1927 alugou o Campo da Estação, mais tarde denominado de Estádio Getúlio Vargas, pertencente ao Clube Atlético Bancário¹⁰. Foi durante esse período, a partir da década de 1920, que o clube passou aceitar negros em suas formações. Amaral e Osório (2008) apontam que na época em que o Brasil jogava no Campo da Estação, o clube era chamado de Negrinhos da Estação. Desse modo, com a inserção de jogadores negros ocorrendo concomitantemente na maioria dos clubes da cidade de Pelotas, é contraditório estabelecer que o pioneirismo dessa aceitação, por parte de uma ou de outra agremiação, seja o critério para definir quem é o clube do povo e quem é o da elite. Até mesmo, como abordado no subcapítulo seguinte, os negros e operários

⁷ Após a Formulário Ortográfico de 1943, que unificou a ortografia do português no Brasil, o Sport Club Pelotas passou a ser Esporte Clube Pelotas.

⁸ Assim, como o rival, depois do Formulário Ortográfico de 1943, o Grêmio Sportivo Brasil mudou para Grêmio Esportivo Brasil.

⁹ Fundado em 25 de outubro de 1908, o estádio da Avenida, posteriormente estádio Boca do Lobo, é o estádio de futebol mais antigo no país.

¹⁰ O estádio Getúlio Vargas existe ainda hoje. É utilizado pela equipe amadora em disputas de categorias de base pelo Progresso Futebol Clube.

nas três primeiras décadas do século XX pertenciam a outros clubes, à margem desse futebol elitizado em que se encontravam o Sport Club Pelotas e o Grêmio Sportivo Brasil.

Na capital gaúcha, a situação também era bastante similar à da cidade Pelotas. E para uma compreensão ainda mais objetiva, se faz necessário apresentar as peculiaridades das fundações de Grêmio e Internacional. A ida do Rio Grande à capital no dia 7 de setembro de 1903, naquele considerado o primeiro jogo de futebol de Porto Alegre, resultou na criação de outros dois clubes oito dias após aquele evento. Em 15 de setembro de 1903 foram fundados o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense e o Fussball Club Porto Alegre. O Sport Club Internacional veio a surgir mais além, no dia 4 de abril de 1909. Porém, entre as fundações de Grêmio e Internacional também foi fundado o Sport Club Rio-Grandense, o terceiro clube a ser criado em Porto Alegre, sendo essa uma agremiação composta por negros (Santos, 2018).

Assim, portanto, fica evidenciado que, como em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Pelotas, os clubes que hoje ostentam jargões como Clube do Povo, no caso do Internacional, e berço de Tesourinha, como no Grêmio, na realidade representavam segmentos da elite porto-alegrense daquela época, excluindo assim pobres, operários e negros de seus quadros de atletas. Tanto que, como trazido por Santos (2018, p.87) “em 12 de abril de 1910 é criada a Liga Porto-Alegrense”, a qual era composta pelos sete maiores clubes da capital: Grêmio Foot Ball Porto Alegrense, Sport Club Internacional, Fussball Club Porto Alegre, Sport Club Nacional, F.M. Frisch Auf, Grêmio Foot Ball 7 de Setembro e Militar Foot-Ball Club. Cabe ressaltar que, nesse período até a profissionalização, os considerados grandes clubes não aceitavam atletas negros.

O Sport Club Rio-Grandense – clube composto por dirigentes e atletas negros – não adentrou a essa liga. Conforme Santos (2018), em 1911 o Rio-Grandense iria jogar uma partida que lhe daria a oportunidade de disputar a adentrar a Liga Porto-Alegrense. Porém, o Sport Club Internacional, que tinha seu representante como presidente da liga, não aceitou que o Rio-Grandense fosse inserido. O fato denota a face elitizada do Internacional naquele momento de primeiros passos do futebol da capital.

Longe de um clube popular, voltado às camadas menos favorecidas da população se encontrava o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense. O clube foi o último a aceitar negros. Santos (2018) ressalta que no estatuto do clube dizia que ele perderia o seu campo se aceitasse pessoas de cor em seus quadros. O Grêmio veio a abolir essa cláusula pelo mesmo motivo que a maior parte dos clubes do eixo Rio-São Paulo e do resto do país fizeram: identificaram em

ligas de clubes negros, atletas que poderiam contribuir com alto desempenho em seus principais times.

Dessa forma, as ligas secundárias, mas principalmente as compostas por clubes negros foram de fundamental importância para democratizar o futebol no Rio Grande do Sul. Porém, cabe destacar que até a profissionalização da atividade em 1933, os jogadores negros pouco espaço tiveram nos clubes até então das elites locais. Essa jornada das três primeiras décadas do século XX, expressas pela Liga José do Patrocínio, em Pelotas, e pela Liga da Canela Preta em Porto Alegre, é a essência para a sequência desta pesquisa, a qual é apresentada na sequência.

As ligas José do Patrocínio e Canela Preta

Muito além de serem ligas criadas para organizarem as disputas dos clubes de jogadores negros, tanto a Liga José do Patrocínio, em Pelotas, como a Liga da Canela Preta, em Porto Alegre, são essencialmente representações simbólicas da resistência ao preconceito racial existente nessas duas cidades nas três primeiras décadas do século XX. Em um momento em que o futebol dessas localidades era controlado pelas elites, as fundações dessas ligas foram um marco para que os negros, mesmo com seus clubes excluídos das ligas principais, pudessem disputar competições, ao mesmo tempo em que promoviam a ocupação de importantes espaços de sociabilidade da população afrodescendente da época.

Já no início do período de pós-abolição, em 1890 os negros já representavam um terço da população urbana de Pelotas (Mackedanz; Silva; Rigo, 2021). Como visto anteriormente, o primeiro jogo na cidade foi em 1901, o primeiro clube fundado é de 1904, em 1906 mais seis clubes são fundados e em 1907 é criada a Liga Pelotense de Futebol, que é suspensa por quatro anos e retoma suas competições em 1913. Ademais, o futebol cresceu tanto no município que, em 1914, é fundada a Liga Cassiano do Nascimento, uma espécie de segunda divisão do futebol pelotense. Alves (1984) aponta que existia uma desvalorização dos clubes dessa liga, pois nem sempre o campeão ascendia à Liga Pelotense de Futebol. Muitas vezes, os clubes mais elitizados ameaçam se retirar da liga quando a equipe que conquistasse o acesso não os interessava.

Eis que, em meados de junho de 1919, é criada a Liga José do Patrocínio, composta por clube de dirigentes e atletas negros da cidade de Pelotas. Participaram de sua fundação, os clubes: Sport Club Juvenil, Sport Club América do Sul, Sport Club Universal e Grêmio Sportivo Vencedor. Entre 1923 e 1935, juntaram-se o Grêmio Sportivo Democrata e o Grêmio

Sportivo Luzitano. A primeira partida da liga ocorreu em 13 de julho de 1919, em um confronto entre o América do Sul e o Universal, no campo do América do Sul (Mackedanz; Silva; Rigo, 2021).

De acordo Mackedanz (2016), os clubes integrantes da Liga José do Patrocínio não concentravam suas ações apenas na esfera esportiva. Socialmente, os clubes tinham em suas rotinas a promoção de bailes, quermesses e festividades. Outro fato destacado pelo autor é a participação das mulheres negras nesses clubes. Diferentemente das mulheres brancas, elas participavam ativamente das atividades sociais promovidas, cabendo a elas não somente acompanhar seus maridos e/ou familiares, mas sim ocupando posições relevantes dentro desses clubes.

Em Porto Alegre, nos primeiros anos de 1910, passaram a existir três ligas de futebol. Nesse momento, recorda Santos (2018) como sendo o da fábula das três ligas. Essas ligas seriam divididas em: sabonete (limpa e cheirosa), composta pela elite; sabão (limpa), contendo a classe média; e canela preta (higienista), formada por negros e mestiços, conforme discorre o autor:

Naqueles primeiros anos de 1910, passaram a existir três ligas de futebol na cidade: a Liga Porto Alegrense de Foot-Ball, a Associação Desportiva de Foot-Ball e a Liga de Foot-Ball Sul-Americana. Possivelmente, foram essas congregações esportivas que deram asas à memória social que construiu “a fábula das três ligas”. A primeira, seria “a liga do sabão”, a qual organizaria os clubes formados pelas elites brancas e economicamente privilegiadas. A segunda, seria “a liga do sabonete” e congregaria os clubes que não eram aprovados na primeira, mas estavam muito próximos social e racialmente desta. A terceira associação esportiva era a “dos canelas pretas”, composta, na sua maioria, por negros operários. [...] A memória de exclusão e de segregação dos negros na história do futebol da cidade foi reatualizada constantemente com o sentido de definir um lugar subalterno e estereotipado para esta população (Santos, 2018, p. 142).

Nota-se que Santos (2018) confunde as nomenclaturas “sabonete” e “sabão”, pois na introdução da obra “Liga da Canela Preta – a história do negro no futebol” ele faz uso de sabonete para se referir à liga das elites e no subcapítulo intitulado “A fábula das três ligas” utiliza o termo para remeter à classe média. Porém, o autor destaca outro ponto bastante importante em meio às nomenclaturas. Ao apresentar a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense, criada em abril de 1920, ele explica que, apesar desta ter sido considerada a Liga da Canela Preta, existiram outras ligas de negros que eram chamadas assim. Dessa forma, no início da década de 1910 a Liga da Canela Preta teria sido a Liga de Foot-Ball Sul-Americana

e, a partir de abril de 1920, a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense teria também feito uso da expressão.

Portanto, diferentemente da Liga José do Patrocínio, em Pelotas, na capital existiram diversas ligas de clubes negros, sendo que em cada momento das primeiras décadas do século XX diversas receberam o rótulo depreciativo Liga da Canela Preta. Depreciativo porque canela ou canelada no futebol remete a um jogador ruim. A expressar “dar de canela” é atribuída a atletas com pouca habilidade com a bola nos pés. Por isso, a expressão Canela Preta em nada carrega consigo aspectos positivos para a memória da população afrodescendente de Porto Alegre. Porém, contrapondo as expressões depreciativas da época, na capital era comum que atletas e dirigentes dos clubes negros fizessem parte também de redações de jornais, sendo o periódico “O Exemplo” o mais expressivo nesse contexto.

Mascarenhas (1999), aponta que as ligas negras parecem ser uma singularidade do Rio Grande do Sul e, sim, realmente foram. Pois, no Rio de Janeiro e em São Paulo, a inclusão dos negros no futebol, até então praticado pelas elites, seu deu de forma menos organizada. Os clubes paulistas e cariocas, cada um em seu momento, foram abrindo suas portas para as camadas mais pobres da sociedade. Depois, exemplos oriundos do eixo Rio-São Paulo expressam esse processo de inclusão e aceitação:

O primeiro deles é o do Bangu Atlético Clube, que foi um dos primeiros clubes do Brasil a estabelecer uma relação entre empresa fabril e clube de futebol. Criado em 1904 por trabalhadores ingleses da Companhia Progresso Industriais no Rio de Janeiro, o clube recebia apoio dos donos e diretores da Companhia. [...] Como a fábrica ficava localizada longe do centro e das áreas das classes altas, havia dificuldade para se chegar no número necessário de jogadores. [...] Os operários selecionados gozavam de alguns favorecimentos. [...] O outro exemplo é o do Sport Club Corinthians Paulista, o qual foi fundado em 1910 por moradores do bairro do Retiro, localizado na cidade de São Paulo, composto naquele tempo majoritariamente por imigrantes e operários. A criação desse clube na cidade onde o futebol mais se desenvolvia visava formar um clube para as massas, com a participação de negros, brancos, imigrantes e operários. Dessa maneira, sua criação foi pioneira no rompimento com os pré-requisitos inventados pelas elites para definir quem poderia ou não praticar a modalidade (Ribeiro; Pereira, 2025, p. 6).

“Assim, a fundação do Bangu, no Rio de Janeiro, e do Corinthians, em São Paulo, alguns anos depois, representou a abertura do futebol para as massas” (Magalhães, 2010, p. 19). Nota-se, assim, que no centro do país a inclusão se deu de forma mais gradual e com menor preconceito. Obviamente que o preconceito existia, mas não tão fortemente quanto o permeado no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX. Desse modo, fica

evidenciado que, tanto no eixo Rio-São Paulo, como no Rio Grande do Sul, o futebol rompeu barreiras sociais ao combater através seus clubes o racismo estrutural existente. Porém, além disso, no caso do Rio Grande do Sul, as ligas José do Patrocínio e Canela Preta foram preponderantes, ao promover campeonatos próprios e organizar estruturas administrativas nos seus clubes, para contestar a ideologia racial dominante que colocava o negro como inferior. As ligas serviram como espaço de visibilidade da comunidade, demonstrando disciplina, organização e talento de uma população posta à margem da sociedade daquele período.

Considerações finais

Galeano (2024, p. 49) relembra que “em 1921, a Copa América ia ser disputada em Buenos Aires. O presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, baixou um decreto de brancura: ordenou que não se enviasse nenhum jogador de pele, por razões de prestígio pátrio”. Dessa maneira, se apresentava o futebol no país e em cada uma das cidades onde ele fosse praticado: imerso em um brutal racismo, estruturado logo nos primeiros anos do pós-abolição de 1888. Nesse mesmo período da disputa entre seleções sul-americanas na Argentina, o Rio Grande do Sul tinha nas ligas José do Patrocínio, em Pelotas, e naquelas denominadas da Canela Preta, em Porto Alegre, o auge dos clubes e atletas negros na linha do tempo do futebol até então.

Essas duas ligas oportunizaram, através de muito esforço e sacrifício de homens e mulheres negras, espaços de sociabilidade, lazer e afirmação cultural à população afrodescendente da época. Essas práticas, respondiam e combatiam a exclusão promovida pelos clubes e sociedade elitista daquele momento. Nessas ligas, o futebol se misturava com bailes, quermesses, festas e eventos, consolidando assim grupos de resistência e de combate ao preconceito. O futebol, em si, tinha por função reforçar e promover a centralidade dos clubes pertencentes a essas ligas perante a comunidade negra.

Cabe destacar que os clubes negros deram celeridade ao processo de profissionalização do futebol no Brasil. Muitos dos atletas que se tornaram destaque em clubes das principais ligas de Pelotas e Porto Alegre foram forjados nas ligas José do Patrocínio e Canela Preta, respectivamente. Por isso, a presença de atletas negros em grandes clubes do país, a partir da década de 1930, não pode ser compreendida sem a herança desse legado deixado pelas ligas de clubes negros.

Tais ligas transcenderam as quatro linhas, o mundo do futebol. Elas foram responsáveis por fazer a população negra daquela ocasião atingir dimensões sociais, culturais

e políticas até então suprimidas pela elite branca de Pelotas e Porto Alegre. Ademais, foi através delas que se formatou um futebol popular e mestiço, que quando da inclusão do negro já no período da profissionalização – com as ligas já extintas ou sem protagonismo – serviu para a ascensão desses atletas também em outros grandes clubes, além das fronteiras do Rio Grande do Sul.

Assim, este estudo, ao remontar o início do futebol nas cidades de Pelotas e Porto Alegre, através das ligas José do Patrocínio e Canela Preta, identifica e destaca a importância dessas entidades em servir, muito além de entretenimento esportivo, como uma ferramenta da população negra de ser vista, de ser ouvida, de ser conhecida e reconhecida. Não existiria o futebol que conhecemos no Brasil sem o negro. Não existiria o futebol que conhecemos no Rio Grande do Sul sem as ligas de clube negros.

Referências

- ALVES, Eliseu. **O futebol em Pelotas**. Pelotas: Livraria Mundial, 1984.
- AMARAL, Mário; OSÓRIO, Sérgio. **A História dos Bra-Péis**. Pelotas: Editora Signus Comunicação, 2008.
- ÉDER, Jota. **BRAPEL: A rivalidade no sul do Rio Grande**. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2010.
- FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 5 ed. 2010.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2024.
- MACKEDANZ, Christian. **Racismo nas “quatro linhas”**: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2016. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/5562/Christian%20Ferreira%20Mackendan_z_Dissertacao.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acessado em 12/07/2025.
- MACKEDANZ, Christian; SILVA, Daniel; RIGO, Luiz. Liga de Futebol José do Patrocínio (1919-1936): Um símbolo de resistência ao preconceito racial no futebol pelotense. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, v. 70, p. 235, 2021: Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/49714/pdf> Acessado em 15/03/2025.
- MAGALHÃES, Livia. **Histórias do Futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010
- MASCARENHAS, Gilmar. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). **Anos 90**: Revista do Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, v. 1, p. 144-161, 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6546/3898> Acessado em 06/06/2025.
- MATIAS, Wagner. **Futebol de Espetáculo**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2020.
- MENDES, Fred. No Dia da Consciência Negra, relembramos Borches, o primeiro atleta negro a vestir a camisa do Pelotas. **Arquivo Lobão**. 20 nov. 2024. Disponível em:

<https://arquivolobao.com.br/no-dia-da-consciencia-negra-relembramos-borches-o-primeiro-atleta-negro-a-vestir-a-camisa-do-pelotas/> Acessado em 11/08/2025.

RIBEIRO, Gabriel. **Entre a espetacularização e a exploração no mundo da bola** – o jogador de futebol enquanto mercadoria: Estudo de caso Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas do Siapergs. Pelotas: Editora Morus, 2025. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1bPOLYEFoMA-4E4tIu9NqDts2nh9mrPVI/view?usp=sharing> Acessado em 21/01/2025.

RIBEIRO, Gabriel; PEREIRA, Vanessa. Futebol no modo de produção capitalista. **Revista Políticas Públicas e Cidades**, v. 14, n. 1, p. e1492, 2025. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/1492> Acessado em 14/01/2025.

SANTOS, José Antônio dos. **Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol**. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2018.